

## ESTADO ISLÂMICO: UMA AMEAÇA HÍBRIDA?

Alex Guedes Brum

### RESUMO

O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS, em sua sigla em inglês, para *Islamic State of Iraq and al-Sham*) ganhou notoriedade na arena internacional em 2014, quando conquistou grandes áreas de território na Síria e no Iraque. Entretanto, ainda é escasso e superficial o conhecimento que se tem do grupo. O artigo aponta que parte dos analistas não compreende a natureza do Estado Islâmico, definindo-o como uma organização terrorista. Todavia, apesar de utilizar o terrorismo como tática, o Estado Islâmico não pode ser entendido como um grupo terrorista. Afinal, redes terroristas têm no máximo centenas de membros, atacam civis, não possuem território, e não podem confrontar diretamente forças militares. O grupo, por outro lado, tem dezenas de milhares de homens, possui território no Iraque e na Síria, mantém extensivas capacidades militares, controla linhas de comunicação, comanda infraestrutura, é autossuficiente, e se engaja em sofisticadas operações militares. Diante desse cenário, o artigo busca analisar como o Estado Islâmico pode ser classificado pela literatura especializada. Para tanto, serão

discutidos conceitos básicos sobre guerra irregular, terrorismo, insurgência, e, principalmente, a noção de ameaças híbridas. O trabalho está organizado da seguinte forma: a primeira parte apresentará o Estado Islâmico e sua história. Na segunda parte, serão realizadas as considerações teóricas. Em seguida, será analisado se o grupo pode ser classificado como uma ameaça híbrida. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

**Palavras-chave:** Estado Islâmico. ISIS. Ameaças híbridas. Terrorismo.

### ABSTRACT

The Islamic State of Iraq and the Levant (ISIS) gained prominence in the international arena in 2014, when it conquered large areas of territory in Syria and Iraq. However, it is scarce and superficial knowledge one has of the group. The article points out that most analysts do not understand the nature of the Islamic state, defining it as a terrorist organization. Nevertheless, despite using terrorism as a tactic, the Islamic State cannot be understood as a terrorist group. After all, terrorist networks have up to hun-

dreds of members, attacking civilians, have no territory, and cannot directly confront the military. The group, on the other hand, has tens of thousands of men, has territory in Iraq and Syria, maintains extensive military capabilities, controls communication lines, commands infrastructure, is self-sufficient, and engages in sophisticated military operations. In this scenario, the article seeks to analyze how the Islamic state can be classified by the literature. Therefore, we will discuss basic concepts of irregular warfare, terrorism, insurgency, and especially the notion of hybrid threats. The paper is organized as follows: the first part will present the Islamic state and its history. In the second part, the theoretical considerations will be made. It will then be examined whether the group can be classified as a hybrid threat. Finally, the final considerations will be presented.

**Key words:** Islamic state. ISIS. Hybrid threats. Terrorism.

## A EMERGÊNCIA DO ESTADO ISLÂMICO

As origens do autodenominado Estado Islâmico estão atreladas aos desdobramentos da invasão do Iraque pelos EUA em 2003 (CALFAT; CRONIN, 2015). Naquele momento, Abu Musab al-Zarqawi, um militante jordaniano, alinhou sua organização “Jama’at al-Tawhid w’al-Jihad” à al-Qaeda, transformando-a em “al-Qaeda do Iraque”. Em 2005, sucessores de Zarqawi rebatizaram a “Al-Qaeda do Iraque” como “Estado Islâmico do Iraque” e, mais tarde, como “Estado Islâmico do Iraque e al-Sham” (ISIS)<sup>1</sup>, refletindo

<sup>1</sup> A palavra em árabe “al-sham” significa Levante, Síria, ou ocasionalmente Damasco, dependendo das circunstâncias (COCKBURN, 2014).

as ambições de expansão possibilitadas pelo conflito na Síria (LAUB e MASTERS, 2015).

A ascensão do Estado Islâmico do Iraque e do Levante está intimamente relacionada ao desmantelamento do Estado iraquiano após a queda de Saddam Hussein e à fomentação de divisões sectárias através do apoio ao governo xiita empossado no país, além da discriminação política e econômica da população sunita. Adicionalmente, o Estado Islâmico cresceu desmesuradamente com o apoio estrangeiro à sua participação na guerra civil contra o presidente Bashar-al-Assad (CALFAT, 2015).

Na Síria, em 2011, assim que a revolta contra o regime de Assad expandiu para uma guerra civil, o Estado Islâmico se aproveitou do caos, obteve território no nordeste do país, estabeleceu uma base de operações, e mudou seu nome para “Estado Islâmico do Iraque e al-Sham” (ISIS) (CRONIN, 2015). Como aponta Calfat (2015, p. 14), como a Síria tornou-se um “Estado em colapso”, um vácuo de poder prevaleceu em diversas áreas. Nesse contexto, o ISIS ampliou suas bases de poder.

A maior parte dos membros do Estado Islâmico são sírios e iraquianos (LUND, 2014). No entanto, o grupo é conhecido por possuir um grande número de combatentes estrangeiros. Em 2015, a *Central Intelligence Agency* (lit. “Agência Central de Inteligência”, conhecida pela sigla CIA, estimou que, desde 2011, 30,000 combatentes estrangeiros viajaram para a Síria e para o Iraque para combater ao lado do ISIS<sup>2</sup>. Desses, metade vieram de países vizinhos e do Norte da África, e um quarto da Europa e da Turquia. Segundo o jornal britânico *The Telegraph* (2015), os países de origem da maioria dos combatentes estrangeiros

<sup>2</sup> SARHAN, Arme. CIA: 30,000 foreign fighters have traveled to Syria and Iraq to join ISIS. Baghdad, Iraq News, 26/09/2016.

que atuam no conflito no Iraque e na Síria são: Tunísia, Arábia Saudita, Jordânia, Marrocos, Rússia, França, Turquia, e Alemanha.<sup>3</sup>

Em termos militares, de acordo com Nasser (2014), as fileiras do Estado Islâmico são compostas por ex-oficiais das forças armadas do Iraque, o que ajuda a explicar o sucesso do grupo no campo de batalha, uma vez que:

[...] permite articular habilidade militar tradicional às táticas insurgentes de grupos que adquiriram grande experiência nos anos de luta contra as tropas americanas. [...] (o ISIS) é capaz de conjugar com bastante eficiência as características das ações de forças armadas tradicionais, coordenando operações militares em grandes áreas, com ações de insurgência e terrorismo de unidades de combate que adquiriram experiência nos últimos anos. (NASSER, 2014, p. 2).

Como aponta Calfat (2015), os generais baathistas do governo de Saddam Hussein foram, por muito tempo, desconsiderados pelos Estados Unidos, juntamente com os sunitas do oeste do Iraque, e agora engrossam as fileiras do ISIS. Os Estados Unidos, ao colocarem no poder um governo liderado por xiitas, sob a liderança de Nourial-Maliki, levaram efetivamente ao surgimento de uma rede de grupos de extermínio que sistematicamente atacava sunitas (SCAHILL, 2014). As fileiras do Estado Islâmico são compostas por largos contingentes de pessoas que estão lutando a mesma batalha que lutavam quando os Estados Unidos invadiram o Iraque (SCAHILL, 2014).

3 LOVELUCK, Louisa. Islamic State: Where do its fighters come from? London, The Telegraph, 08/06/2015.

Os avanços militares obtidos pelo Estado Islâmico ocorreram em boa parte em função do apoio popular sunita no Iraque, que não legitima o atual governo xiita, percebido como excludente. Os 20% de sunitas que compõem a população iraquiana vinham cultivando um espírito de revanchismo contra a maioria xiita (60%) desde a formação deste governo após a invasão norte-americana (CALFAT, 2015). Nesse contexto, o senso de privação de direitos pelos sunitas no Iraque criou um vácuo que vem sendo explorado pelo Estado Islâmico. No Iraque, uma minoria sunita vem sendo excluída da política nacional após a queda de Saddam Hussein. Na Síria, uma guerra civil eclodiu em 2011 colocando a minoria dominante de alauítas<sup>4</sup> contra a oposição, principalmente sunita, gerando intensa violência sectária – igualmente explorada pelo ISIS (CALFAT, 2015).

Em termos fiscais e administrativos, Nasser (2014) explica que o Estado Islâmico estabelece ministérios, tribunais e até mesmo um sistema de tributação rudimentar nos territórios dominados, também na Síria, os quais, de acordo com alguns especialistas, seriam menos espoliativos do que o governo de Assad. Segundo o autor:

4 Os alauítas são uma ramificação do islã xiita que reverencia Ali, primo e genro do profeta Maomé. O grupo, ao qual pertence o presidente sírio Bashar al-Assad, representa cerca de 10% da população da Síria. Desde a ascensão da família al-Assad ao poder, membros dessa minoria têm ocupado cargos de liderança nas forças armadas e nos serviços de inteligência. No decorrer de gerações, os alauítas consolidaram seu domínio do aparato de segurança. Isso gerou desconfiança entre os sunitas sobre os alauítas e o Partido Baath do governo de Assad, considerado pelos sunitas como ilegítimo, opressivo e anti-islâmico.

Ao assumir o controle de uma cidade, procura administrar a distribuição de água, farinha, e outros recursos, além de policiar as ruas, fornecer eletricidade e fiscalizar o comércio, colocando em prática o que parece ser o início de estruturas quase estatais (NASSER, 2014, p. 2).

O Estado Islâmico fornece eletricidade e água, paga salários, controla o trânsito e gerencia praticamente tudo, de padarias a bancos e escolas, tribunais e mesquitas. (KARAUNY, 2014). O grupo paga a seus combatentes salários mensais estimados em mais de US\$ 350,00, acima do que é oferecido por grupos rebeldes rivais, ao pago pelo governo iraquiano e quase cinco vezes o salário do sírio comum nos territórios controlados pelo Estado Islâmico (LAUB e MASTERS, 2015).

Em relação ao financiamento do Estado Islâmico, além do controle dos campos de gás e petróleo – que geram em torno de US\$ 2 a 3 milhões diários aos militantes – o grupo cobra impostos e pedágios, realiza extorsão e sequestros (NASSER, 2014). Onde o ISIS detém o poder, seu pseudo-Estado coleta impostos, regula preços, opera tribunais e administra serviços que vão de saúde e educação à serviços de telecomunicações (CALFAT, 2015). Como aponta Doostdar (2014), o que chamamos de ISIS é mais do que apenas um culto militante. Atualmente, o grupo controla uma rede de amplos centros populacionais, com milhões de habitantes, além de recursos de petróleo, bases militares, e estradas. Segundo a autora, o Estado Islâmico:

[...] tem que administrar os assuntos das populações sobre as quais ele governa, e isso exigiu comprometimento, transigência e construção de coalizões, e não apenas força bruta. No Iraque, o grupo teve que trabalhar com baathistas seculares, ex-militares, conselhos tribais, e vários grupos de oposição sunitas, muitos cujos membros

estão em posição administrativas. Na Síria, teve também de negociar com outras facções rebeldes, bem como tribos, e baseia-se em expertise técnica local (não do ISIS) para gerenciar serviços como água, eletricidade, saúde pública e padarias (DOOSTDAR, 2014, p. 2, tradução do autor).

## CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Segundo Kiras (2002), o primeiro problema associado ao estudo do terrorismo e da guerra irregular está relacionado às lentes subjetivas frequentemente utilizadas na observação desses fenômenos. Parte da confusão associada à definição do terrorismo e da guerra irregular advém do uso de linguagem emotiva ou carregada de valores. Além disso, há pouca concordância em como se deve referir a esses tipos de violência: violência política, terrorismo, guerra irregular, guerras de baixa intensidade, guerra do povo, guerra revolucionária, guerra de guerrilha, guerras híbridas, dentre outras.

Alessandro Visacro (2009) define guerra irregular como todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional. Ou seja, é a guerra travada por uma força não regular. A guerra irregular, com frequência, desenvolve-se sem que seja declarada, reconhecida ou sequer percebida. Por vezes, é oculta, mas é invariavelmente incompreendida pelo Estado e por diferentes segmentos da sociedade civil.

Segundo Kiras (2002), terrorismo é o tipo de violência mais contencioso e elusivo para definir. O autor define terrorismo como o uso sustentado da violência contra alvos simbólicos ou civis por pequenos grupos para propósitos políticos, chamando atenção generalizada para uma causa política, e/ou provocando uma resposta insustentável ou

draconiana. Entretanto, o emprego da violência, característicos dos terroristas, possui alguns aspectos especiais; não é qualquer tipo de violência que permite identificar um grupo como terrorista. Como o próprio termo “terrorista” evoca, o terror deve estar presente. Mais especificamente, a geração e a disseminação do pânico ou terror na população. Como aponta Sá, “as ações de violência encontrar-se-iam preponderantemente voltadas para atingir uma parcela da população e não as forças militares do oponente – não havendo o enfrentamento direto das forças militares” (2013, p. 208). Esta “forma” de agir advém de uma inter-relação com outro aspecto envolvido no terrorismo, que é a assimetria de forças bélicas entre o terrorista e o seu oponente. O terrorista utiliza a violência do mais fraco, ou seja, não confronta belicamente o seu adversário de forma direta, mas sim de forma “indireta”, através de sua população, minando seu apoio popular, sua moral e sua legitimidade (SÁ, 2013, p. 208).

O terrorismo não pode por si só resultar em mudança. Ao provocar uma resposta, terroristas esperam que seus oponentes reajam exageradamente e revelem suas verdadeiras intenções (KIRAS, 2002). Dentro da literatura especializada, algum debate existe sobre se o terrorismo é uma tática dentro de uma estratégia de insurgência mais ampla ou se grupos podem conduzir estratégias de terrorismo. O que separa o terrorismo de outras formas de violência é que os atos cometidos são legitimados a um grau, pela sua natureza política. Sequestro, bombardeio remoto, e assassinatos são atos criminosos, mas o status legal daqueles que os conduzem pode mudar se a violência é executada por uma causa política reconhecida (KIRAS, 2002). Terroristas buscam atenção para suas causas, para gerar empatia para a condição que os levou às armas.

Definir insurgência é igualmente problemático. Segundo Kiras (2002), insurgência pode ser mais bem compreendida ao considerar primeiro o que ela não é. Insurgência não é guerra convencional nem terrorismo, por exemplo, mas compartilha com elas o uso da força para finalidades políticas. A principal diferença é o alcance e a escala da violência. Terrorismo raramente resulta por si só em mudança política, enquanto insurgência busca a mudança através da força das armas. A principal diferença entre guerra irregular e guerra convencional é relativamente simples: a última envolve adversários mais ou menos simétricos em equipamento, treinamento, e doutrina. Em uma insurgência, os adversários são assimétricos e o mais fraco, quase sempre um grupo não estatal tentando trazer mudança política administrando e lutando mais efetivamente do que seu adversário, através do uso de táticas de guerrilha (KIRAS, 2002). Tais táticas podem ser caracterizadas por ataques de surpresa e emboscadas contra forças de segurança locais. Confusão frequentemente resulta de quando os movimentos de insurgência utilizam táticas terroristas para alcançar resultados locais. Insurgência, diferentemente de terrorismo, é caracterizada pelo suporte e mobilização de significativa parcela da população, e a população é o objetivo dos insurgentes (BUFFALOE, 2006).

Em relação à insurgência, Cronin a define como uma “longa campanha político-militar realizada por um movimento não estatal organizado, que busca substituir o governo e controlar a população e os recursos de um país ou região” (2008, p.3, tradução do autor). Insurgências diferem em termos de características (aspectos sociais, culturais, e econômicos) e tipo (revolucionária liberação, ou guerra civil). Entretanto, obter poder e controle político é

o resultado almejado. Finalmente, suporte moral e físico externo para uma causa insurgente são pré-requisitos para o sucesso.

Definições não são palavras finais sobre um assunto, mas agem como porta de entrada (KIRAS, 2002). Categorizações caprichosas podem levar a uma divisão irreconciliável e enganosa entre formas de conflitos irregulares. Algumas organizações terroristas adotam esforços paralelos que são mais frequentemente associados com insurgências. Tais organizações se tornam insurgentes, permanecem terroristas, ou se transformam em outra coisa? Em última análise, algumas distinções arbitrárias devem ser feitas, a fim de se compreender um determinado objeto, sem perder perspectiva das numerosas e endêmicas áreas cinzentas dessas e outras áreas dos estudos estratégicos (KIRAS, 2002).

Os adeptos do termo *ameaça híbrida* sustentam que as ameaças contemporâneas estão criando uma nova forma de guerrear através do emprego das tecnologias modernas e redes de comunicação, arte operacional irrestrita, e novas combinações de capacidades convencionais e não convencionais, que são distintas dos métodos tradicionais da guerra irregular (JASPER e MORELAND, 2014).

Frank G. Hoffman (2007; 2009), principal expoente do conceito de guerra híbrida, aponta que tal conceito busca fundir a letalidade do conflito estatal com o fervor fanático da guerra irregular. O termo híbrido captura tanto sua organização como seus meios. As organizações podem ter “uma estrutura política hierárquica, junto com células centralizadas ou unidades táticas em rede” (HOFFMAN, 2007, p. 28, tradução do autor). No que diz respeito aos meios, estes são híbridos tanto em relação aos tipos, quanto aos meios. Ou seja, assim como podem recorrer ao uso de sistemas de

comando criptografados, mísseis, utilizam emboscadas, ataques cibernéticos, dispositivos explosivos improvisados e assassinatos (HOFFMAN, 2007). Em sua aplicação, essas guerras incluem desde “as capacidades convencionais, as formações e táticas irregulares, atos terroristas, incluindo coerção e violência indiscriminada, e desordem criminosa” (HOFFMAN, 2007, p. 14, tradução do autor). Como aponta Hoffman, as guerras híbridas seriam as chamadas guerras irregulares, que nesta nova era serão cada vez mais frequentes, e com maior velocidade e letalidade do que no passado, devido em parte à difusão de tecnologia militar mais avançada (2007). Hoffman (2009) propõem claramente as características das ameaças híbridas:

- Modalidades misturadas. Ameaças híbridas utilizam o emprego de táticas convencionais e não convencionais combinadas com terrorismo e atividades criminais;
- Simultaneidade. Adversários híbridos podem empregar coerentemente diferentes modalidades de conflito;
- Fusão. Ameaças híbridas empregam uma mistura de soldados profissionais, terroristas, guerrilheiros, e criminosos;
- Criminalidade. Ameaças híbridas usam atividades criminais para sustentarem operações e, em alguns casos, como um modo de conflito deliberado.

No nível estratégico, diversas guerras têm componentes regulares e irregulares. Entretanto, na maior parte dos conflitos, esses componentes ocorrem em diferentes teatros ou em distintas formações (HOFFMAN, 2007). Nas guerras híbridas, essas forças são operadas pelo mesmo lado na mesma arena de batalha. Enquanto eles estão operacionalmente integrados e taticamente fundidos, o

componente irregular de uma força busca se tornar operacionalmente decisivo ao invés de apenas protelar o conflito, provocando reações exageradas ou estendendo os custos de segurança para o adversário (HOFFMAN, 2007).

De acordo com Hoffman (2007), diferentemente das guerras complexas e maoístas, o propósito da abordagem multimodal não é facilitar o progresso da força de oposição e nem ajudar a montar uma força convencional para a batalha decisiva. Oponentes híbridos, em contraste, buscam vitória através da fusão de táticas irregulares com os meios mais letais disponíveis, visando a atacar e alcançar seus objetivos políticos. O componente disruptivo das guerras híbridas não advém de tecnologia revolucionária ou de alta qualidade, mas da criminalidade. Atividade criminal é utilizada para sustentar a força híbrida ou levar uma determinada nação ao caos.

Como o conceito de ameaça híbrida procede à emergência do Estado Islâmico - inclusive o apresentado por Hoffman (2007) - Jasper e Moreland (2014) afirmam ser válido analisar as atividades da organização e possivelmente expandir a definição de ameaça híbrida. As seguintes características foram apresentadas por Jasper e Moreland (2014) como objetivo de oferecer uma maior precisão:

- Táticas misturadas. Ameaças híbridas combinam capacidades militares convencionais com táticas de pequena unidade de guerrilha e ataques assimétricos;
- Estrutura flexível e adaptável. Ameaças híbridas são geralmente compostas por forças paramilitares que podem se organizar tanto em formações convencionais quanto em células pequenas e distribuídas. Ameaças híbridas criam um componente de governança para criar estabilidade e sustentar operações;
- Terrorismo. Ameaças híbridas empre-

gam o terrorismo para proliferar ódio e desespero e para amedrontar os adversários. Elas miram os ícones e símbolos culturais para destruir suas identidades, heranças, e sistemas de crença que opõem suas ideologias;

- Guerra informacional e de propaganda. Ameaças híbridas exploram as redes de comunicação global para espalhar esquemas jihadistas, angariar fundos, e recrutas;
- Atividade criminal. Ameaças híbridas usam crime e arrecadação de fundos como fontes confiáveis de receita para lutar, treinar, governar, e sustentar operações;
- Desrespeito pela Lei Internacional. Ameaças híbridas cinicamente enxergam as leis internacionais como constrangimentos para seus adversários passíveis de serem explorados.

## **ESTADO ISLÂMICO, UMA AMEAÇA HÍBRIDA?**

O Estado Islâmico tem a habilidade de formar, empregar, e sustentar forças convencionais. O grupo amplia essa capacidade principal de combate com táticas celulares e disruptivas para adaptar fluidamente às diferentes condições de batalha e minimizar vulnerabilidades advindas de contraofensivas e ataques aéreos. Como apontam Jasper e Moreland (2014), as incursões iniciais no Iraque foram caracterizadas por um robusto poder de fogo convencional e mobilidade que permitiram ao ISIS estrategicamente apreender e controlar importantes centros urbanos, estradas, e terrenos.

A partir da segunda metade de 2014, quando o avanço do Estado Islâmico foi estagnado por ataques aéreos da coalizão, equipamentos e militantes do ISIS se infiltraram nas cidades, operaram à noite, e distribuíram suas forças em unidades táti-

cas menores, enquanto limitaram comunicações por celulares e rádios. Eles utilizaram minas e improvisaram explosivos para negar mobilidade e frustrar contraofensivas das forças iraquianas e curdas em Tikrit e Jalawla (JASPER e MORELAND, 2014).

O Estado Islâmico possui uma estrutura flexível e adaptável. Como afirmam Jasper e Moreland (2014), o sucesso obtido pelo Estado Islâmico no verão de 2014 pode ser atribuído em parte a sua habilidade em absorver e integrar novas forças, financiamento, e equipamentos capturados enquanto lutam. Líderes de organizações híbridas, como o Estado Islâmico, incluem, além de ideólogos carismáticos, oficiais militares pragmáticos dos regimes depostos ou destacados dos exércitos dos Estados-nação dos quais são aliados.

O Estado Islâmico também tem estabelecido um espaço operacional sustentável. Conforme seus líderes militares tomam o controle sobre um território, o grupo desenvolve simultaneamente uma estrutura de governança marcial efetiva que providencia operações militares permanentes. Antigos oficiais militares iraquianos e oficiais governamentais do governo Hussein supervisionam departamentos de finanças, governança local, relações públicas, e recrutamento, visando a consolidar ganhos e coordenar operações através de amplos territórios. Ao conectar e unir fortalezas regionais da cidade de Raqqa no norte da Síria às cidades chaves iraquianas como Mosul e Tikrit, o Estado Islâmico está efetivamente deslocando as atuais fronteiras nacionais e estabelecendo um Estado funcional (JASPER e MORELAND, 2014).

Dentro de sua esfera de controle, o Estado Islâmico emprega atos terroristas visando a subjugar populações locais e proliferar ódio étnico. Seu método de conquista consiste na tomada de cidades, onde

militantes destroem mesquitas xiitas, executam os que resistem, devastam forças de segurança, e levantam a bandeira do ISIS sobre prédios governamentais (JASPER e MORELAND, 2014). Além dos assassinatos em massa, o Estado Islâmico ataca ícones culturais e centros religiosos, com o objetivo de erradicar sociedades inteiras. Além de destruir igrejas, santuários, e mesquitas, tesouros históricos, incluindo impagáveis artefatos, estátuas, e achados arqueológicos são propositalmente destruídos, com o objetivo de extinguir símbolos que representam um senso de herança compartilhada.

Organizações como o Estado Islâmico utilizam ódios arraigados, ultimatos públicos audaciosos, e linguagem ambígua para provocar tensões regionais e internacionais. Elas demonstram a irônica capacidade de denunciar os ideais ocidentais com as mesmas ferramentas de mídia que são tipicamente associados com a cultura popular moderna que eles professam desprezar. O ISIS tem provado ser particularmente adepto a utilizar mídias sociais incluindo *YouTube*, *Twitter*, e *blogs* para conspiração, recrutamento, arrecadação de fundos, e *marketing*. O Estado Islâmico fez uso de filmes de propaganda profissionalmente desenvolvidos para ilustrar sua determinação e mostrar seus militantes como heróis. Tal propaganda tem também gerado suporte no exterior. Militantes estrangeiros, incluindo norte-americanos e europeus, são frequentemente radicalizados através de sofisticadas campanhas baseadas na Internet.

Em relação às atividades criminosas, o Estado Islâmico tem se tornado um dos grupos que utilizam táticas terroristas mais ricos do mundo, ao cultivar uma economia autossuficiente baseada em extorsão, crime organizado, e vendas de petróleo no mercado negro (JASPER e MORELAND, 2014).

Cidades sob o controle da organização parecem mais feudos do que zonas ocupadas. Minorias pagam tributos num sistema de extorsão organizado para o privilégio dúbio de morar ou fazer negócio nas áreas administradas pelo ISIS. O grupo também controla a venda de *commodities* como óleo e trigo, e artefatos roubados dentro de seu território.

O Estado Islâmico também demonstra um completo desrespeito pelas leis e Direitos Humanos universais. Execuções em massa de minorias étnicas são frequentes. O ISIS anuncia descaradamente atrocidades como um meio de intimidação tático. Nem os sunitas são isentos de intimidação. Como ressaltam Jasper e Moreland (2014), uma vez que o Estado Islâmico toma um território, impõe ordem através da opressão violenta e terror.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado a partir das definições de ameaças híbridas apresentadas por Hoffman (2007; 2009) e Jasper e Moreland (2014), o Estado Islâmico pode ser classificado como tal. Para o primeiro referido autor, ameaças híbridas incorporam diferentes modos de guerrear, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas incluindo coerção e violência indiscriminada, e desordem criminal. Nas guerras híbridas, componentes regulares e irregulares são operados pelo mesmo lado na arena de batalha (HOFFMAN, 2007).

Diferentemente das guerras complexas e maoístas, o propósito da ameaça híbrida não é facilitar o progresso da força de oposição e nem ajudar a montar uma força convencional para a batalha decisiva. Em contraste, oponentes híbridos buscam vitória através da fusão de táticas irregulares com os meios mais letais disponíveis, visan-

do atacar e alcançar seus objetivos políticos. Como vimos no capítulo anterior, o Estado Islâmico apresenta tais características.

Em suma, apesar de se poder classificar o Estado Islâmico como uma ameaça híbrida, vale ressaltar que definições não são palavras finais sobre um assunto, mas devem agir como porta de entrada para seu estudo e compreensão. No entanto, algumas distinções arbitrárias devem ser realizadas a fim de compreender um determinado objeto, sem perder perspectiva das numerosas áreas cinzentas dessas e outras áreas dos estudos estratégicos (KIRAS, 2002).

## REFERÊNCIAS

BUFFALOE, David L. **Defining Asymmetric Warfare**. The Institute of Land Warfare, Land Warfare Papers, Vol. 13, Nº 58, 2006. Disponível em: < [https://www.ausa.org/SiteCollectionDocuments/ILW%20WEB-Exclusive-Pubs/Land%20Warfare%20Papers/LWP\\_58.pdf](https://www.ausa.org/SiteCollectionDocuments/ILW%20WEB-Exclusive-Pubs/Land%20Warfare%20Papers/LWP_58.pdf) > Acesso em: 21 de abr. de 2016.

CALFAT, Natalia. **O Estado Islâmico do Iraque e do Levante: Fundamentos Políticos à Violência Política**. Conjuntura Austral, Vol. 6, Nº 31, p. 6-20. Porto Alegre, Ago./Set. 2015.

CRONIN, Audrey. **ISIS is Not a Terrorist Group: Why Counterterrorism Won't Stop the Latest Jihadist Threat**. Foreign Affairs, Vol. 94, Nº 2, p. 87-98. Nova Iorque, Mar./Abr. 2015. Disponível em:< <http://www.foreignaffairs.com/system/files/pdf/issues/2015/94200.pdf> > Acesso em: 05 jul. 2015.

CRONIN, Patrick M. **Irregular Warfare: New Challenges for Civil-Military Relations**. Strategic Forum, Nº 234, p. 1-10. Washington,

Out. 2008.

COCKBURN, Patrick. **Who are ISIS? The rise of the Islamic State in Iraq and the Levant.** Independent, 16 jun. 2014. Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/who-are-isis-of-the-islamic-state-in-iraq-and-the-levant-9541421.html> > Acesso em: 17 nov. 2016.

DOOSTDAR, Alireza. **How Not to Understand ISIS.** Jadaliyya, Washington e Beirute, 2 out. 2014. Disponível em: < <http://www.jadaliyya.com/pages/index/19485/how-not-to-understand-isis> > Acesso em: 29 jan. 2015.

HOFFMAN, Frank. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars.** Arlington, VA: Potomac Institute for Policy Studies, 2007.

HOFFMAN, Frank. **Hybrid vs. compound war. The Janus choice: Defining today's multifaceted conflict.** Armed Forces Journal, oct. 2009. Disponível em: < <http://www.armedforcesjournal.com/hybrid-vs-compound-war/> >. Acesso em: 27 jan. 2016.

JASPER, Scott; MORELAND, Scott. **The Islamic State is a Hybrid Threat: Why Does That Matter?** Small Wars Journal, Dez. 2014.

LAUB, Zachary; MASTERS, Jonathan. **The Islamic State. Council on Foreign Relations.** Nova Iorque e Washington DC, 18 Mai. 2015. Disponível em: < <http://www.crf.org/iraq/islamic-state/p14811> >. Acesso em: 19 jan. 2016.

LOVELUCK, Louisa. **Islamic State: Where**

**do its fighters come from?** London, The Telegraph, 08 jun. 2015. Disponível em: < <http://www.thetelegraph.co.uk/news/worldnews/islamic-state/11660487/Islamic-State-one-year-on-Where-do-its-fighters-come-from.html> >. Acesso em: 15 nov. 2016.

LUND, Aron. **Who Are the Soldiers of the Islamic State?.** Beirut, Carnegie Middle East Center, 24 out. 2014. Disponível em: < <http://carnegie-mec.org/diwan/57021> >. Acesso em: 15 nov. 2016.

NASSER, Reginaldo. **O que move o Estado Islâmico?** Carta na Escola. São Paulo, Ed. 92, nov. 2014. Disponível em: < <http://www.cartanaescola.com.br/mobile/single/469> > Acesso em: 18 fev. 2016.

SÁ, M. B. Clausewitz, **Guerra Irregular e Terrorismo: Entrelaçamentos Segundo uma Abordagem Teórica.** In: FIGUEIREDO, Eurico de Lima. (Org.). Sociedade – Política Estudos Estratégicos. Rio de Janeiro: Editora Luzes, 2013.

SAKAI, Keiko. **ISIS and Sectarianism as a Result of a Meltdown of the Regional Orders in the Middle East.** International Relations and Diplomacy, Vol. 3, Nº 4, p. 265-278, abr. 2015. Disponível em: < <http://www.davidpublisher.org/Public/uploads/contribute/5559860067a3b.pdf> > Acesso em: 19 jan. 2016.

SARHAN, Arme. **CIA: 30,000 foreign fighters havetraveledtoSyriaandIraqtojoinISIS.** Baghdad, Iraq News, 29 set. 2016. Disponível em: < <http://www.iraqnews.com/iraq-war/cia-30000-foreign-fighters-traveled-syria-iraqjoin>

isis/ >Acesso em: 16 set. 2016.

SCAHILL, Jeremy. **Jeremy Scahill on Obama's Orwellian War in Iraq: We Created the Very Threat We Claim to be Fighting. Democracy Now.** Nova Iorque, 03 out. 2014. Disponível em: < [http://www.democracynow.org/2014/10/3/jeremy\\_scahill\\_on\\_obamas\\_orwellian\\_war](http://www.democracynow.org/2014/10/3/jeremy_scahill_on_obamas_orwellian_war) >. Acesso em: 19 jan. 2016.

KIRAS, James D. **Terrorism and Irregular Warfare.** In: Baylis, H. N. et al. *Strategy in the Contemporary World – An Introduction to Strategic Studies.* 2. Ed. Oxford University Press, 2002. Cap. 9, p. 208-232.

KAROUNY, Mariam. **How ISIS is Filling a Government Vacuum in Syria With a 'Islamic State'.** Nova Iorque, The World Post, 09 abr. 2014. Disponível em: < [http://www.huffingtonpost.com/2014/09/04/isis-government-syria\\_n\\_5763536.html](http://www.huffingtonpost.com/2014/09/04/isis-government-syria_n_5763536.html) > Acesso em: 20 jan. 2016.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: Terrorismo, Guerrilha, e Movimentos de Resistência ao Longo da História.** São Paulo: Contexto, 2009.